

**NOTAS SOBRE A FAUNA MARINHA DE SANTA MARIA E FORMIGAS  
NA OBRA DE GASPAR FRUTUOSO**

JOSÉ Manuel AZEVEDO

Departamento de Biologia, Universidade dos Açores  
Rua Mãe de Deus, 58, P-9502 PONTA DELGADA codex

As *Saudades da Terra* contêm numerosas referências ao meio natural, tanto terrestre como marinho. Estas são muitas vezes de tal modo pormenorizadas que, ao mesmo tempo que revelam o espírito investigativo renascentista característico de Gaspar Frutuoso, permitem retirar da sua obra informações com validade científica e de enorme importância para o estudo da história natural do arquipélago.

Neste pequeno texto procurou-se compilar e organizar as referências relativas aos organismos marinhos contidas no Livro III, dedicado a Santa Maria e contendo algumas páginas referentes às Formigas. Para cada uma é feita uma tentativa de identificação taxonómica e comentadas as observações do autor a seu respeito.

Em termos gerais, ressalta da leitura do Livro III que a fauna marinha de Santa Maria e Formigas no início do povoamento português era mais abundante e diversificada do que actualmente. Exemplos da abundância de vida marinha não faltam. Referindo-se às Formigas diz Frutuoso (p. 6): "Nestes baixos há muitos caranguejos, lapas, cracas e búzios, em tão grande quantidade, que é coisa de espanto a multidão deste marisco." As lagostas eram em tão grande número que podiam ser apanhadas "de mergulho e de fiska" o que, atendendo-se ao nível tecnológico da época, significa que ocorreriam praticamente na zona das marés. Do peixe é dito que "ao redor da ilha [Santa Maria] se fazem grandes pescarias de pescado de toda a sorte, de que é bem provida". Outra nota de abundância é dada pelas aves marinhas. A colónia de garajaus do Ilhéu da Vila pode ter excedido o milhar de indivíduos, enquanto que os "estapagados (...) eram mantimento de muitos", chegando a sua carne a ser exportada para São Miguel.

No que diz respeito à diversidade, é forçoso reconhecer que o número de espécies directamente referidas no texto de Frutuoso é reduzido. Tal facto não é inesperado, uma vez que a inventariação da fauna não era objectivo do cronista e, por outro lado, a sistematização do conhecimento do meio natural em bases científicas estava ainda a duzentos anos de distância. Mesmo assim, relevam da leitura destes textos indícios de um empobrecimento da fauna marinha do século XV até aos nossos dias. De facto, pelo menos três das espécies referidas por Frutuoso estão hoje extintas ou são muito raras nos Açores. Menção especial deve ser feita aos "lobos marinhos". Animais suficientemente abundantes em Santa Maria para constituírem prejuízo para os pescadores, encontram-se extintos no arquipélago pelo menos desde o século XIX. Das espécies restantes, pelo menos outras seis são actualmente protegidas por legislação especial.

Pode afirmar-se que as informações contidas na obra de Gaspar Frutuoso fornecem um ponto de referência a partir do qual é possível avaliar, ainda que genericamente, o estado actual da fauna marinha do arquipélago. Têm, conseqüentemente, um papel importante não só a nível científico mas também na consciencialização pública da necessidade de conhecer e preservar o litoral açoreano.

**Espécies de animais marinhos referidos no  
Livro III das Saudades da Terra**

**CRUSTÁCEOS**

A valorização gastronómica do “marisco” (termo em que Frutuoso incluía crustáceos e moluscos) já no século XVI está bem patente nas abundantes e detalhadas referências às várias espécies. Era inclusivamente “de muito passatempo” descer, no Verão, à praia, a achar “muitos lagostins e caranguejos, e muito peixe e marisco”.

**Camarão** (Santa Maria, p. 103). Provavelmente *Palaemon elegans* Rathke, 1837, o mais vulgar camarão litoral.

**Caranguejo** (Formigas, p. 6; Santa Maria, pp. 65, 83, 91, 103). Os caranguejos litorais mais comuns e habitualmente consumidos são *Pachigrapsus marmoratus* (Fabricius, 1787) e *Grapsus grapsus* (Linnaeus, 1758). Esta última espécie é ainda hoje muito abundante nas Formigas, pelo que é natural que, pelo menos nesse local, seja a ela que Frutuoso se refira.

**Caranguejola** (Santa Maria, p. 103). Aumentativo de caranguejo. De acordo com Drouët (1861), este era o nome dado nos Açores a *Cancer pagurus* Linnaeus, 1758. Este crustáceo é ainda pescado na região, sendo actualmente conhecido como sapateira. De realçar que Frutuoso se refere à abundância de todos os crustáceos com o adjectivo “muitos”, escolhendo no entanto “algumas” ao mencionar esta espécie.

**Craca** (Formigas, p. 6; Santa Maria, pp. 61, 83, 103). *Megabalanus balanoides* (Linnaeus, 1758), ainda hoje muito apreciado na gastronomia regional.

**Lagosta** (Santa Maria, p. 103). *Palinurus elephas* (Fabricius, 1787). A pesca de lagostas e lagostins era efectuada com “côvãos” (armadilhas), “de mergulho e de fisga.” Estes dois últimos métodos eram os mais utilizados, uma vez que os lobos marinhos destruíam as armadilhas de modo a ingerir os animais nelas capturados. O facto de ser possível capturar lagostas com “fisgas” (arpões de pesca) ou mergulhando em apneia, sem auxiliares de visão, denota a extrema abundância destes crustáceos e a baixa profundidade a que ocorriam. Actualmente, esta espécie é pouco abundante e difícil de encontrar a profundidades inferiores a 50m.

**Lagostim** (Santa Maria, pp. 61, 65, 91, 103). Não existem actualmente nos Açores nenhuma das espécies a que é atribuído este nome. A presença (qualificada de “comum”) do lagostim *Homarus gammarus* (Linnaeus, 1758) nos Açores foi, no entanto, documentada por Drouët (1861). Este registo é certamente falso, pois nenhum dos investigadores que se lhe seguiram encontraram esta espécie. Barrois (1888), que estudou aprofundadamente a fauna carcinológica açoreana apenas 30 anos depois da estadia de Drouët põe em dúvida a veracidade deste registo (assim como a de pelo menos outros três). Por outro lado, o termo ‘cavaco’, correspondente a *Scyllarides latus* (Latreille, 1803), espécie muito comum e apreciada actualmente, não é referido no Livro III das *Saudades da Terra*. Seria o actual ‘cavaco’ conhecido, no século XVI, pelo nome de ‘lagostim’?

**MOLUSCOS**

**Búzio** (Formigas, p. 6). Ainda hoje, ao chegar às Formigas, não pode deixar de constatar-se a abundância dos litorínídeos, gastrópodes típicos do andar supralitoral, particularmente da espécie *Littorina striata* King & Broderip, 1832. A associação dos “búzios” com outras espécies comuns na zona intertidal (“caranguejos,

lapas, cracas e búzios”) leva a incluir igualmente nesta designação *Thais haemastoma* Linnaeus, 1758, uma espécie conspícua do andar mediolitoral.

**Lapa** (Formigas, p. 6; Santa Maria, p.103). Reconhecem-se actualmente pelo menos duas espécies deste gastrópode, coincidentes com as designações vulgares de ‘lapa mansa’ (*Patella candei* d’Orbigny, 1834) e ‘lapa brava’ (*Patella aspera* Röding, 1798) (Hawkins *et al.*, 1990). Extremamente abundantes na época de Gaspar Frutuoso, os ‘stocks’ de lapas estão hoje em perigo, o que as tornou objecto de protecção legislativa especial.

**Fósseis** (Santa Maria, p. 67). Gaspar Frutuoso anota que Santa Maria é a única ilha dos Açores da qual “se tira muita pedra, de que se faz muita cal”, ou seja, a possuir rochas calcárias. Observou ainda que “entre algumas destas pedras se acham pegadas cascas de marisco, de ameijas (sic) e ostras.” A pedreira do Figueiral constitui de facto um dos maiores depósitos de fósseis Miocénicos da ilha. Zbyszewski & Ferreira (1961) apresentam uma descrição dos depósitos fossilíferos de Santa Maria, assim como uma boa lista bibliográfica. Embora não referidas por Frutuoso, também nas Formigas existem rochas fossilíferas, provavelmente relacionadas com as de Santa Maria (Chaves, 1924; Friedlaender, 1934).

## PEIXES

**Badejo** (Santa Maria, p. 75). A única referência a esta espécie provém do nome de um pesqueiro, o “Pesqueiro dos Badejos”. A toponímia dos pesqueiros é, aliás, uma indicação das espécies piscícolas conhecidas na altura, sendo muitas delas apenas assim mencionadas. O badejo tem sido designado como *Micteroperca rubra* (Bloch, 1793), mas o seu nome científico correcto é *Micteroperca fusca* (Lowe, 1836) (v. Azevedo *et al.*, 1992).

**Cação** (Santa Maria, p. 74). Para além da referência a um pesqueiro com esse nome, Frutuoso menciona igualmente (p. 178) uma embarcação espanhola proveniente do Cabo Branco e carregada com este peixe. O nome ‘cação’ é atribuído popularmente a várias espécies de pequenos tubarões, dos quais o mais vulgar nos Açores é *Galeorhinus galeus* (Linnaeus, 1758).

**Cavalo-marinho** (Santa Maria, p. 108). Uma descrição fantasiosa, em que Frutuoso descreve “um cavalinho da grandura de um dedo” que teria dado à costa após uma tempestade, pode referir-se ao vulgar cavalo-marinho, *Hippocampus ramulosus* Leach, 1814.

**Eiró** (Santa Maria, pp. 69, 70, 102). *Anguilla anguilla* (Linnaeus, 1758), também conhecida por enguia. Frutuoso aponta correctamente as poças de água doce ou salobra na foz de ribeiras como habitat desta espécie.

**Escolar** (Formigas, pp. 6, 7). Esta designação não diz certamente respeito a nenhuma das espécies actualmente conhecidas por esse nome (*Ruvettus pretiosus* Cocco, 1829 e *Tetragonurus cuvieri* Risso, 1810), uma vez que estas são espécies raras e pouco comestíveis (Albuquerque, 1956; obs. pess.). É possível que a expressão “peixe escolar” não se refira a uma espécie em concreto, sendo antes utilizada para qualificar peixe de pouco valor (Viterbo, 1966).

**Faneca** (Santa Maria, pp.11, 58, 75, 81, 82). Da toponímia “Ponta da Faneca” e “Baixas da Faneca”. Este nome é aplicado actualmente a *Trisopterus luscus* (Linnaeus, 1758), uma espécie inexistente nos Açores. O gadídeo litoral mais pescado no arquipélago é a abrótea, *Phycis phycis* (Linnaeus, 1766). Uma vez que este último termo não é mencionado no Livro III, pode pôr-se a hipótese de que a actual abrótea foi

primitivamente designada por 'faneca'. Por outro lado, convém notar que Ribeiro (1937) refere que a toponímia 'faneca' pode provir do termo utilizado popularmente nos Açores para designar "um serviço de pouca monta, executado fora das horas normais de trabalho."

**Mugem** (Santa Maria, p. 70). A frase de Frutuoso coloca muges e eirós no mesmo habitat. Esta designação deve portanto referir-se a *Chelon labrosus* (Risso, 1826), uma espécie que penetra em águas salobras e mesmo doces (Ben-Tuvia, 1986).

**Prombeta** (Santa Maria, p. 75). Referida como "Polombeta", no nome de um pesqueiro. A espécie actualmente conhecida por este nome é *Trachinotus ovatus* (Linnaeus, 1758).

**Safio** (Santa Maria, p. 102). *Conger conger* (Linnaeus, 1758). Frutuoso refere implicitamente as grandes dimensões atingidas por estes animais quando escreve "há muitas eirós e grandes, tamanhas como safios".

**Sargo** (Santa Maria, p. 74). É provavelmente a esta espécie que se refere a toponímia do pesqueiro denominado "Calheta do Sardo" (sic). A única espécie deste género nos Açores é *Diplodus sargus* (Linnaeus, 1758).

## AVES

Os principais ilhéus eram propriedade privada, e a caça das aves marinhas neles existentes constituía uma das suas fontes de rendimento (pp. 89 e 100).

**Cagarra** (Santa Maria, pp. 89, 100). *Calonectris diomedea borealis* (Cory, 1881). Frutuoso refere que estas aves eram abundantes e nidificavam nos ilhéus, entre ervas e arbustos ou nas rochas, sendo caçadas para aproveitamento do óleo ("graxa") para iluminação e das penas para travesseiros ("cabeçais").

**Corvo-marinho** (Santa Maria, p. 75). Um pesqueiro denominado "os Corvos" reflete provavelmente a presença na área do corvo-marinho *Plalacrocorax carbo* (Linnaeus, 1758), actualmente uma espécie rara no arquipélago (Le Grand, 1983).

**Estapagado** (Santa Maria, pp. 100-101). É provável que a ave "da feição e grandura de pombas" a que Frutuoso se refere sob este nome seja o cagarro *Puffinus puffinus* (Brünnich, 1764). Drouët (1861) atribui a esta espécie estes dois nomes comuns e Chavigny & Mayaud (1932), analisando os textos de Frutuoso, chegam à mesma conclusão. De facto, os pormenores fornecidos por este autor relativamente ao tamanho, aos hábitos nocturnos, à nidificação em covas abertas no solo e aos ruídos produzidos por estas aves possibilitam uma determinação quase certa.

Muito abundante na altura dos primeiros povoamentos, estava praticamente extinta em meados do século XVI, mantendo esse estatuto até à actualidade. Embora atribuída por Frutuoso à maldição lançada pelo bispo D. Agostinho, é mais provável, contudo, que essa extinção se tenha devido à predação excessiva. A nidificação em covas abertas no solo, feita sobretudo nos ilhéus mas também em terrenos de pastagem, tornava os etapagados presas fáceis quer para o homem quer para outros predadores, como os porcos. Atraídos à noite por fogueiras e mortos à paulada, "enchendo assim sacos deles", eram caçados, tal como as cagarras, pelo óleo e pelas penas, servindo ainda como alimento. Chegaram, "em anos de fome", a ser exportados secos para São Miguel.

**Garajaus** (Santa Maria, p. 77, 89, 100). Nidificam nos Açores duas espécies de garajaus: o Garajau-comum, *Sterna hirundo* (Linnaeus, 1758) e o Garajau-rosado, *Sterna dougallii* (Montagu, 1813). O conhecimento de Frutuoso acerca dos hábitos destas espécies migratórias é surpreendente. No seu texto refere correctamente

que estas aves surgiam todos os anos em Santa Maria no fim de Março (dia de Nossa Senhora da Anunciação, 25 de Março), vindas da costa ocidental de África (“de umas ilhas que estão junto de Berbéria ou da mesma Berbéria”), indo nidificar em grande número nos ilhéus, sobretudo no Ilhéu da Vila. A explicação para a migração destas aves buscava-a Frutuoso na necessidade de encontrarem temperaturas mais amenas que possibilitassem a nidificação. Já no que diz respeito aos hábitos alimentares não parece merecer crédito a referência de que os garajaus “fazem proveito na terra, porque a alimpam do gafanhoto”, uma vez que estas aves marinhas se alimentam exclusivamente de peixe.

A predação humana sobre os garajaus exercia-se sobretudo a nível dos ovos, dos quais “se apanham [no Ilhéu da Vila] por vezes, trezentos, quatrocentos e quinhentos ovos pelo chão”. Admitindo uma média de dois ovos por ninho, esta frase é uma indicação de que nidificariam no ilhéu pelo menos 250 casais.

### MAMÍFEROS

**Baleia** (Santa Maria, pp. 81, 108-109). As referências existentes no Livro III dizem respeito apenas a animais arrojados à costa ou encontrados mortos no mar. Pelo menos num caso é certo tratar-se de um cachalote (*Physeter macrocephalus* Linnaeus, 1758), uma vez que é mencionada a extração de âmbar, apenas existente nesta espécie (Watson, 1988). Estes achados eram muito apreciados pela abundante quantidade de óleo que deles se extraía.

**Lobo marinho** (Formigas, p. 7; Santa Maria, pp. 81, 83, 108). Os lobos marinhos a que Frutuoso se refere, hoje extintos nos Açores, eram animais da corpulência “de um bezerro”, possuíam manchas brancas no corpo e habitavam em grutas litorais. Estas características permitem afirmar que pertenciam à espécie *Monachus monachus* (Hermann), cuja distribuição no Atlântico Norte está hoje reduzida a um pequeno número de exemplares nas Desertas, arquipélago da Madeira. Muito abundantes na altura do povoamento dos Açores, a sua extinção deveu-se provavelmente à caça que lhes era movida pelos pescadores, aos quais destruíam as artes de pesca.

### AGRADECIMENTOS

A compilação destas notas foi muito enriquecida pelas informações e sugestões fornecidas pela Dra. Ana Cristina Costa, relativamente aos Crustáceos, e pela Dra. Maria de Fátima Medeiros e Eng. Téc. Ag. Duarte Furtado, relativamente às Aves.

### BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, R.M., 1956. Peixes de Portugal e ilhas adjacentes. Chaves para a sua determinação. *Portugaliae Acta Biologica*, ser. B, 5: xvi+1167 p.
- AZEVEDO, J. M. N., NETO, A. I. A., HEEMSTRA, P. C. & ARRUDA, L. M., 1992. Peixes marinhos de Santa Maria. *Relatórios e Comunicações do Departamento de Biologia*, 19: 49-51.
- BARROIS, T., 1888. *Catalogue des crustacés marins recueillis aux Açores*. Imp. Le Bigot, Lille. 110 pp. + 4 pl.
- BEN-TUVIA, A., 1986. Mugilidae. In P. J. P. WHITEHEAD, M.-L. BAUCHOT, J.-C. HUREAU, J. NIELSEN & E. TORTONESE (Eds.) *Fishes of the North-eastern Atlantic and the Mediterranean*, vol. III. Unesco, Paris.
- CHAVES, F. A. 1924. As Formigas e a primeira viagem de Gonçalo Velho. *Os Açores*, 9, 19p. Reimpresso em 1948, *Açoreana*, 4(3):209-217.
- CHAVIGNY, J. & N. MAYAUD, 1932. Sur l'avifaune des Açores. Généralités et étude comtributive. *Alauda*, 4 (2): 133-155.
- DROUËT, H., 1861. Éléments de la faune açoreenne. *Mémoires de la Société Académique de l'Aube*, Tome XXV, 245 p.

- FRIEDLANDER, I., 1934. Os Açores. *Açoreana*, 1(1):39-58.
- HAWKINS, S.J., CORTE-REAL, H.B.S.M., ROST-MARTINS, H., SANTOS, R.S. & MARTINS, A.M., 1990. A note on the identity of *Patella* in the Azores. Em MARTINS, A.M.F. (Ed.), The marine fauna and flora of the Azores, *Açoreana* (Suplemento): 167+173.
- LE GRAND, G., 1983. Check list of the birds of the Azores. *Arquipélago*, IV: 49-58.
- RIBEIRO, L.S., 1937. Breve notícia da toponímia terceirense. *Açoreana*, 1 (4): 222-227.
- VITERBO, Fr. J.S.R., 1966. *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. Ed. crítica de Mário Fiúza. Livraria Civilização, Porto.
- WATSON, L., 1988. *Whales of the world*. Hutchinson, London, 302 pp.
- ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O.V., 1961. *Notícia explicativa da folha da ilha de Santa Maria*. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa. 28 p.